



## **Irá sobreviver a “Civilização Rondônia”?**

*Rafael Ademir Oliveira de Andrade*

Sociólogo, Mestre em Educação, Doutorando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

No domingo passado tive que ir à farmácia. Voltei pensando em algumas coisas. Como de costume, registrei alguns pensamentos em uma rede social (que agora funcionam como uma catarse), e mesmo assim não consegui tirar da cabeça algumas reflexões suscitadas neste breve caminho para a farmácia e tudo que vivemos de março até agora, cinco meses. Fiquei com as primeiras páginas do texto “Discurso sobre o colonialismo” do grande poeta e ensaísta de Martinica, Aimé Césaire (1978, p. 13), que diz:

Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita, é uma civilização decadente. Uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas mais cruciais, é uma sociedade enferma. Uma civilização que trapaceia com os seus princípios, é uma civilização moribunda.

O autor está falando dos problemas criados pelo colonialismo e pelo imperialismo na dita civilização europeia/ocidental, mas peço licença para me referir à “Civilização Rondônia” - um recorte da “Civilização Amazônia” ou “Civilização Brasil”. Estamos vivendo uma crise sanitária causada por um vírus que ataca principalmente a capacidade respiratória dos indivíduos e, enquanto escrevo este texto (tomando meu café quente, numa tarde mais quente ainda), folículos, resultado das queimadas, pousam na tela do notebook. Coisas do verão amazônico, coisas que levarão à piora do quadro respiratório de muitos.

Primeiro, temos que debater a ironia contida no termo “Civilização Rondônia”. Em geral, pelos não especialistas, as civilizações são medidas pelos grandes feitos dos seus generais, pelas narrativas míticas e, especialmente, pela forma dramática como terminam. São vistas de fora como sociedades que foram estáveis e, graças a um



fenômeno externo, (bárbaros, pestes, vulcões, extraterrestres) chegaram ao seu fim. Mas a realidade não é bem essa.

O que a frase de Aimé Césaire nos fala é que todas as civilizações carregam em seu bojo contradições, e que cabe ao especialista observar além da calma ideológica e expor a contradição que pode levar ao tal fim da civilização. Uma simples ida a farmácia pode mostrar muitas contradições ao olhar atento. Caso o Corona vírus fosse ainda mais mortal, caso outra coisa se impacte sobre a sociedade de Rondônia, estaríamos extintos com facilidade. Caminhando menos de cinco quadras vi bares abertos, pequenos e médios restaurantes, as pessoas andando ou assando churrasco na rua, tudo isso com mais de 100 mil mortos no país.

Nesta pandemia da Covid-19 a primeira luta foi para que mantivéssemos os postos de trabalho em funcionamento, e mesmo com todas as contradições históricas expostas nesta luta, sempre me posicionei a favor de que, a quem não pudesse trabalhar em casa, que fosse garantida tal segurança - principalmente porque o povo queria trabalhar. Em suma, este texto não existiria se estivéssemos falando das pessoas que precisam sair de casa para trabalhar. Este texto não fala sobre o trabalhador, mas fala sobre uma sociedade que poderia dar maior amparo ao mesmo de várias e inúmeras formas.

Superado este problema (do reconhecimento da necessidade de trabalhar é necessário, principalmente quando se pensa das classes menos abastadas) é preciso pensar outras contradições da Civilização Rondônia. A fim de construir uma base de pensamento comum aos leitores, irei me apropriar do pensamento do sociólogo francês Émile Durkheim (2008) para continuar minha análise.

Para Durkheim, a vida em sociedade se dá justamente pela coexistência das consciências coletivas e individuais, partindo daquilo que eu quero (para “eu”) e o que quero (para “nós”). Quando o sujeito age apenas na busca daquilo que “eu quero” e ignora aquilo que “nós precisamos”, há uma decadência social. Fazendo uma grande síntese do conceito, a consciência coletiva é o conjunto de crenças compartilhadas por um grupo/sociedade.

Já quanto a solidariedade, temos dois tipos: a mecânica, uma união mais densa do sujeito ao grupo presente, especialmente nas sociedades pré-capitalistas ou, nas palavras do autor, “primitivas” (não concordo com este conceito, primitivos somos nós que nos matamos e destruímos o planeta em larga escala), e a orgânica, que é quando há uma



grande divisão (especialização) do trabalho, ao passo que nos tornamos dependentes um do outro para funcionar (como os órgãos do corpo).

Bem, quanto mais forte a consciência coletiva, mais forte será a solidariedade e maior será a chance de sobrevivência de um grupo: falamos isto desde indígenas isolados na floresta a grandes conglomerados internacionais. E países, estados, cidades. Aí que entra a “Civilização Rondônia”.

Voltando à questão da Covid-19: Primeiro, mesmo com os decretos estaduais e municipais, o que vimos foi a narrativa cômica de um Estado falido no que tange à capacidade de propor uma conduta que seja colocada em prática (tanto pelo Direito repressivo ou cooperativo) para o isolamento social. Em outros termos, a sociedade rondoniense não obedeceu em larga escala aos apelos públicos (do governador, prefeito, secretários de saúde, especialistas) e aos decretos.

Quais as possíveis motivações para tal prática? São várias. Podemos destacar o negacionismo ideológico, a diminuição do poder simbólico do governador/prefeito (por motivos ideológicos também), a necessidade de trabalhar e manter o salário, a incapacidade de se manter isolado - talvez ter de enfrentar a alienação midiática de forma crua seja a maior dificuldade, a necessidade do reforço positivo para justificar a vida, dentre muitos outros.

A partir destas percepções posso deduzir (usando uma das premissas da lógica científica) que todos estes fenômenos são marcados pela falta consciência coletiva e solidariedade dos rondonienses. Podemos explicar as hipóteses levantadas: não se acredita nas autoridades pois elas não representam uma moral coletiva (cada vez mais fragmentada); nossa sociedade cria um largo espectro na divisão econômica de pessoas que não possuem o mínimo de direitos sociais garantidos e as consciências individuais são tão destacadas frente às coletivas, que os desejos do sujeito superam quase que inexoravelmente os direitos (de saúde) coletivos.

Neste momento, ironicamente, preciso me apegar ao que mais crítico na teoria durkheimiana: a moral. O conjunto de regras que determina o que é certo e errado dentro de uma sociedade não é algo padronizado, especialmente em sociedades onde a educação de qualidade não é universal e onde a coesão social é fraca, como na “Civilização Rondônia”, e na própria “Civilização Brasil”. Como já disse antes, não estou aqui falando das pessoas que precisam, por um dilema da própria sociedade, trabalhar, mesmo que



coloque sua saúde em risco; estamos falando de um grupo específico: o das pessoas que tiveram acesso à educação de qualidade, das pessoas que têm/tiveram condições de ficar em casa, das pessoas que tiveram formação em ciências sociais e da saúde, das pessoas que possuem uma forma de não se colocar em situação de risco. Não são aqueles que foram trabalhar e se contaminaram que seriam responsáveis pelo fim da Civilização Rondônia, caso o Corona vírus fosse ainda mais mortal. Seriam os irresponsáveis.

Quando, frente a um dilema moral (trabalhar ou passar fome), o indivíduo toma a atitude de se colocar em perigo, ele está respondendo ao direito natural de proteger a vida, sua e dos seus queridos. Mas quando falo especificamente do sujeito que se coloca (e coloca a todos, pois em uma pandemia os impactos são coletivos) em perigo por motivos torpes, ou que deveriam ser inferiores ao bem-estar coletivo, temos aí um diagnóstico da nossa sociedade.

A nossa sociedade cria contradições que ela mesma não consegue resolver e a pandemia da Covid-19 é um destaque deste processo histórico. Nossa sociedade é marcada pelo individualismo, hiperconsumismo - noção proposta por Lipovetsky (2007) e pela liquidez das relações – como as chama Bauman (2001). Nossa contradição nos torna incapaz de resolver qualquer problema endo ou exógeno justamente porque nossa capacidade de mobilização é mínima. Hoje é o Corona vírus que evidencia isto, mas diariamente são outros “vírus” que destacam a contradição violenta da “Civilização Rondo-Brasil”.

Cito aqui as palavras de um amigo historiador em uma breve conversa: “Fingir que está tudo bem para manter sua vida”. Foi o que fez o Nazista Adolf Eichmann quando perguntado sobre a seriedade do que ele fez o mesmo respondeu “estava apenas seguindo ordens” (Arendt, 1999). São muitos os esquemas e desvios morais que fazemos para justificar nossas ações que, sabemos, causam a morte de vários: “apenas cumprindo ordens”, “eu preciso de festas”, “eu mereço”, “a economia precisa continuar”, “isso é uma mentira (doença comunista)”, “uma gripe leve”, “eu já peguei e não senti nada”.

São muitos os subterfúgios para escapar de nossa ligação com o outro. Voltando a Césaire “*Uma civilização que trapaceia com os seus princípios, é uma civilização moribunda*”. Apesar de pregarmos muitas coisas, não somos uma sociedade que vive o que prega. Não somos nacionalistas, não somos cristãos, não somos coletivos, não somos



progressistas, não somos democráticos e são as grandes e pequenas contradições que mostram isto.

Vivemos a história do falso moralismo: catequese do facão para quem não se converteu em 1500 e, desde que inventaram a democracia em solo tupiniquim, ganha aquele que mentir com mais moralismo (“sou honesto”, “sou do povo”, “sou progressista”, “sou diferente”). Inexoravelmente todas as promessas são falhas. Fico perguntando se a cruel realidade da “Civilização Braso-Rondoniense” possui princípios que não sejam enlatados de fora.

Por fim, abraço o negativismo adorniano<sup>(1)</sup>: Será que nossa Civilização sobreviveria ou se ela merece sobreviver, ou mais, quantos morrem todos os dias devido a nossa forma de “nos civilizar”?

Contato: [profrafaelsocio@gmail.com](mailto:profrafaelsocio@gmail.com)

## Notas

(1) Adorniano: referente ao filósofo alemão Theodor Adorno.

## Referências bibliográficas citadas

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Cia. Das letras, 1999.